

A NOVA OFENSIVA DO CAPITAL CANAVIEIRO E OS DESDOBRAMENTOS PARA O TRABALHO NO PONTAL DO PARANAPANEMA E ALTA PAULISTA (SP)

**José Roberto Nunes de Azevedo
Antonio Thomaz Júnior
Ana Maria Soares de Oliveira**

Resumo: O texto que por ora apresentamos tem por objetivo discutir alguns aspectos da configuração do capital canavieiro no oeste paulista, com destaque para o conflito capital x trabalho, a ideologia do agronegócio e o avanço da atividade canavieira.

Palavras-chave: Relação capital x trabalho, atividade canavieira, agronegócio.

Abstract: The text what yet we present tem for objective discuss some appearances from configuration of the capital canavieiro into the west inhabitant of the state of São Paulo, with prominence for capital conflict x work, the ideology of the agribusiness and the advance of the canavieira activity.

Key Words: capital relation x work, canavieira activity, agribusiness.

Introdução

O presente texto pretende apresentar algumas considerações em torno da territorialização da agroindústria canavieira e os desdobramentos para o trabalho na porção Oeste do Estado de São Paulo, especificamente, o Pontal do Paranapanema e a Nova Alta Paulista.

O recorte territorial adotado está vinculado à ocorrência do fenômeno geográfico que nos propomos a desvendar. Desta forma, como fomos ampliando a escala de entendimento do setor canavieiro em suas relações espaciais, produtivas e sociais, vislumbramos a ocorrência dos principais acontecimentos de conjuntura, bem como as características específicas do mesmo a partir de um fundo estrutural marcante.

Neste sentido, buscamos amparar nossas reflexões num

· Licenciado em Geografia pela FCT/UNESP/Campus de Presidente Prudente; Membro do CEGeT e CEMOSi. Editor da Revista Cosmos. Endereço para Correspondência Rua Maria da Glória, 434. Vila Cláudia Glória. CEP: 19015-650 – Presidente Prudente/SP.

* Professor dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia/FCT/UNESP/Presidente Prudente; coordenador do Grupo de Pesquisa “Centro de Estudos de Geografia do Trabalho” (CEGeT); coordenador do Projeto Editorial Centelha. *Email: thomazjrgeo@prudente.unesp.br*

** Professora de Geografia da Rede Pública Estadual de Ensino, em São Paulo; doutoranda em Geografia/FCT/UNESP/Presidente Prudente; membro do CEGeT.

leque expressivo de empresas agroindustriais canavieiras (que inclui destilarias anexas, destilarias, usinas anexas)¹, que foram instaladas após a criação do Programa Nacional do Alcool (Proálcool).

O presente estudo nos desafia a compreender as transformações referentes à nova dinâmica da atividade canvieira em todo o país e os vínculos estabelecidos com a dinâmica do mercado internacional de *commodities*, bem como as conseqüências e singularidades desse processo, expressas na área em estudo, especialmente no que concerne aos conflitos no âmbito da luta pela terra e pela reforma agrária.

Cabe destacar que estas questões ainda carecem de maior aprofundamento, todavia as primeiras investigações nos põem diante do preocupante cenário das grilagens de terra e da apatia dos governantes e políticos diante da ofensiva dos setores hegemônicos, que vinculam interesses de latifundiários, capitalistas e banqueiros, por meio de alianças que agudizam ainda mais o quadro social excludente e concentrador de riquezas e desigualdades, que regionalmente se propõe a ofuscar/neutralizar as ações dos movimentos sociais envolvidos diretamente na luta pela terra e pela Reforma Agrária.

Desse modo, o estudo do avanço do capital canvieiro no Oeste Paulista se torna fundamental para a apreensão da dinâmica produtiva e da relação capital x trabalho atrelada ao agronegócio sucroalcooleiro.

Essa questão é muito importante quando consideramos o jogo político que consubstancia a aliança entre Estado e empresários rurais interessados em legitimar a posse da terra por meio da tentativa de garantir a veracidade dos títulos de propriedade da terra, particularmente no Pontal do Paranapanema. Aliás, tal iniciativa vem ao encontro do interesse do Estado em atrair investimentos para o Oeste Paulista contemplando as demandas dos empresários rurais, ao mesmo tempo em que mascara o conflito social latente e promove a sustentação da ideologia do agronegócio.

Vale destacar que na área delimitada, encontram-se territorializadas atualmente um total de 15 agroindústrias canavieiras. Este universo de empresas expressam heterogeneidade quanto à origem, ao desenvolvimento técnico e produtivo em que se encontram e os produtos que produzem (álcool e açúcar, ou só álcool), além dos aspectos referentes à questão do trabalho, os quais apontam para sintonias específicas.

Sabemos que quem representa o elo mais frágil desta cadeia são os trabalhadores, os quais são os elementos centrais que compõem a trama social vista a partir de um movimento complexo de precarização das relações de trabalho e de alienação do trabalhador. Mas sabemos também que existe a possibilidade de contraposição a esta lógica e que um dos caminhos possíveis seria a ação/atuação das entidades de representação dos trabalhadores.

Nesta perspectiva, visualizamos na área de estudo, mesmo

¹ Classificação apresentada por Thomaz Jr., 2002.

que de forma muito tênue, um processo de organização dos trabalhadores incentivado por entidades sindicais comprometidas com a realidade dos canavieiros, especialmente os Sindicatos dos Empregados Rurais Assalariados (SER's) ligados a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP) que, por sua vez, encampam novas possibilidades de organização dos trabalhadores e de atuação política no âmbito da atividade canavieira.

As marcas do processo social e as contradições

No Estado de São Paulo e, particularmente, no Oeste Paulista, assistimos a um conjunto de transformações que ocorrem nas relações de produção e de trabalho, cujos rebatimentos se fazem sentir diretamente no âmbito do trabalho e, por que não dizer, dos trabalhadores.

Em se tratando da gestão do capital das empresas canavieiras, vislumbramos novas formas de controle do capital evidenciadas pela ação empresarial engajada em diferentes níveis de desenvolvimento técnico, produtivo e organizacional, que se estruturam cada vez mais pelo paradigma do capital financeiro e pela lógica da reestruturação metabólica do capital que, por sua vez, extravasa os limites impostos pela reestruturação produtiva enquanto explicação para as transformações em curso.

Enquanto expressão deste quadro setorial da atividade canavieira há que se destacar ainda os constantes rearranjos no âmbito das unidades processadoras, mediante o desenvolvimento das forças materiais e das relações de trabalho e de produção. Com isto, ressaltam-se as marcas das estratégias e mecanismos de exploração e controle do trabalho com vistas à elevação da produtividade e rebaixamento dos custos de produção, relacionados às imposições da reprodução ampliada do capital.

É verdade que esse processo está estreitamente ligado às novas soldagens com o mercado consumidor mediante a diversificação de produtos, ou seja, o mesmo referencia-se, de certa forma, também na política de investimento na produção e exportação de subprodutos da cana-de-açúcar e de produtos diferenciados, tais como o açúcar orgânico, a adoção de novos referenciais tecnológicos e ambientais, a exemplo dos Sistemas de Gestão Ambiental e de Controle de Qualidade (ambos voltados para a certificação e para o controle de produtos e processos), a co-geração de energia e o seqüestro de carbono².

Neste contexto, entendemos ser o trabalho elemento fundante para compreensão da dinâmica territorial da relação capital x trabalho (THOMAZ JR., 2003), ao configurar como alternativa radical à ordem metabólica social do capital (MÉSZÁROS,1999), sendo imprescindível apreendermos as suas formas de manifestação no

² Esses projetos se restringem a um grupo seletivo de empresas que buscam não só a diferenciação e a competitividade dos produtos no mercado externo, como também tentam passar para o mercado consumidor e para a sociedade de um modo geral a imagem de uma empresa "ecologicamente correta". Cf. OLIVEIRA, 2003 (Dissertação de Mestrado).

contexto das relações sociais de trabalho e produção.

Para Alves (2000, p. 65), “o que o complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital faz é incorporar as perversidades da lei geral da acumulação capitalista na direção do enfraquecimento do mundo do trabalho e (da perspectiva de classe)”.

Nesse sentido, Alves (2000); Antunes (2000); Thomaz Jr. (2003), chamam a atenção para o fato de que as mudanças nas formas de organização do processo de trabalho se dão às expensas da alteração do antigo padrão de acumulação capitalista.

De fato, presenciamos de forma diferenciada a ocorrência de desafios crescentes para a classe trabalhadora envolvida na atividade produtiva. No caso do Oeste Paulista, a trama é complexa, pois a região é considerada, atualmente, basilar para a expansão da cultura de cana-de-açúcar e das agroindústrias processadoras da respectiva matéria-prima³. Vejamos os municípios que, dentro do recorte territorial adotado, atualmente comportam agroindústrias canavieiras.

Pontal do Paranapanema temos: Caiuá (Dest. Decasa); Martinópolis (Usina Atena); Narandiba (Dest. Paranapanema e Usina Cocal II); Pirapozinho (Usina Atena); Presidente Prudente (Usina Alto Alegre); Regente Feijó (Dest. Santa Fany); Santo Anastácio (Dest. Dalva); Teodoro Sampaio (Dest. Alcídia).

Nova Alta Paulista: Adamantina (Usina Branco Peres); Dracena (Usina Dracena); Flórida Paulista (Dest. Florálcool); Junqueirópolis (Dest. Alta Paulista e Rio Vermelho); Parapuã (Dest. Dacal).

Cabe lembrar que dentre estas empresas destacadas algumas delas encontram-se em processo de implantação como a Usina Atena, localizada no município de Martinópolis; a unidade produtiva Rio Vermelho, com sede em Junqueirópolis; a Usina Dracena, na Nova Alta Paulista⁴. Além das já apontadas, a Usina Cocal II também se configura como o empreendimento mais recente do setor canavieiro na região, com sede no município de Narandiba este empreendimento ainda encontra-se na fase de construção da planta fabril.

Verifica-se, que enquanto o discurso do agronegócio se fortalece e o processo de reestruturação produtiva se intensifica no país, a precarização do trabalho se manifesta por meio da diminuição da oferta de empregos no campo, da redefinição das funções laborativas, do aumento da superexploração da força de trabalho, frente ao crescente processo de terceirização da mão-de-obra e do descumprimento das leis trabalhistas, à base de intensa concentração de capital.

É importante ressaltar nesse universo de precarização e

³ Isto foi passível de verificação através da realização de trabalhos de campo, quando tivemos a oportunidade de entrevistar empresários e representantes de usinas e destilarias da região de pesquisa, aplicar questionários, bem como, conhecer o processo produtivo.

⁴ No caso específico da Usina Dracena é interessante destacar que o empreendimento está sendo realizado por um grupo ligado à distribuição de petróleo, sem contudo, ter tradição na atividade canavieira.

superexploração da força de trabalho, algumas das condições em que ocorre o processo de trabalho nas lavouras de cana. Os trabalhadores cortam cana por produção sem saberem quanto ganham, porque isto depende de quanto cortam e quem faz este controle são as usinas e não os trabalhadores, ou seja, o valor da metragem cortada é estabelecido com base numa conversão efetuada pelas usinas e, na maioria das vezes, sem o acompanhamento do sindicato ou de algum trabalhador.

Uma outra questão a ser destacada se refere à produtividade do trabalhador no corte de cana. Com as inovações tecnológicas implementadas na lavoura canavieira (a mecanização do corte, por exemplo), sobretudo a partir dos anos 1990, não houve outra alternativa para o trabalhador a não ser aumentar a sua produtividade no trabalho, caso contrário seria dispensado do corte de cana. O aumento da produtividade no corte de cana passou a ser condição para a manutenção do emprego. Desse modo, a média de produção diária de corte de um trabalhador passou de 6 para 10 ou 12 toneladas, expressando um aumento de até 100% na produtividade⁵.

A isto se somam as próprias condições impostas aos trabalhadores pelo corte de cana: trabalham debaixo de sol forte, com vestimentas pesadas e quentes e com grande dispêndio energia. Sob estas condições os trabalhadores suam abundantemente, perdem muita água e, conseqüentemente sais minerais, passando por um processo de desidratação e a freqüente ocorrência de câimbras. Este processo extenuante e intensivo de trabalho no corte de cana tem acarretado (a exemplo das câimbras) sérios problemas de saúde aos trabalhadores, inclusive com incidência de mortes⁶.

A superexploração desses trabalhadores, sobretudo dos migrantes, começa quando os mesmos são aliciados pelos “gatos” (agenciadores de mão-de-obra) e trazidos para trabalhar nas usinas do estado de São Paulo sob falsas promessas de salários, moradia e de carteira assinada. Neste último caso vale destacar o exemplo da Usina Decasa, no município de Caiuá, a qual, segundo informação do representante do SER de Presidente Venceslau, no final de 2004, mantinha entre os demais, cerca de 100 trabalhadores sem registro em carteira no corte de cana.

Em conversa com um outro sindicalista durante pesquisa de campo, foi ressaltado o caso da Santa Fany. Segundo o entrevistado, esta é uma das empresas que mais burla as leis e os direitos trabalhistas em nossa região⁷.

⁵ Hoje alguns trabalhadores chegam a cortar até 20 toneladas/dia. Conforme depoimento de sindicalistas, esses trabalhadores geralmente são migrantes nordestinos que largam suas famílias em seus locais de origem e vêm para São Paulo trabalhar no corte de cana, se submetendo às condições mais precárias de trabalho, de moradia e de saúde. Muitas vezes para ganhar mais e poder enviar dinheiro para a família se obrigam a trabalhar aos domingos e feriados, caracterizando tanto por parte da empresa como dos trabalhadores descumprimento dos acordos coletivos de trabalho.

⁶ Segundo informações veiculadas pela Pastoral do Imigrante, na região de Ribeirão Preto foram registradas dez mortes de trabalhadores no corte de cana por excesso de trabalho.

⁷ Segundo o sindicalista existe atualmente mais de oitocentas ações trabalhistas contra a empresa aguardando resolução.

Como vemos a intensificação do ritmo de trabalho, a precarização e superexploração da força de trabalho nas lavouras canavieiras, particularmente do Pontal do Paranapanema, se expressam nos exemplos que elencamos e em outros aqui não destacados e ainda passíveis de acompanhamento e investigação posterior.

Convém lembrar que diante da perspectiva de expansão territorial da atividade canvieira em nossa região, se o Ministério Público do Trabalho e os Sindicatos não ficarem atentos, é possível que esse quadro de irregularidades e de superexploração dos trabalhadores tenda a piorar.

Precisamos atentar para o fato de que as marcas do processo de reestruturação produtiva do capital na agroindústria canvieira são fortes e passíveis de serem apreendidas em meio às transformações que estão em curso, fundamentalmente no âmbito econômico, o que repercute diretamente no incremento de investimento de capitais na esfera produtiva, tecnológica e mercadológica. Isso influencia o próprio reordenamento territorial da cultura de cana-de-açúcar e da sua expansão em área cultivada.

Durante as investigações nos foi possível apreender, por meio de conversas informais e também por meio de órgãos como a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) e da UDOP (União das Usinas e Destilarias do Oeste Paulista), que há uma grande perspectiva de expansão da atividade canvieira para o Oeste do estado de São Paulo, conforme mostra os dados a seguir.

Quadro 01 - Uso do Solo no Oeste Paulista

2003 (levantamento)	2010/2011 (previsão)⁸
Nº de municípios - 296	Nº de municípios - 296
Nº de EDR's - 19	Nº de EDR's - 19
Área total plantada - 9.889.481 ha	Área total plantada - 9.889.481 ha
Área com outras culturas - 2.014.349 há - 20,37%	Área com outras culturas - 2.014.349 ha - 20,37%
Área com cana - 1.229.026 há - 12,43%	Área com cana - 2.688.088 ha - 27,18%
Área com pastagem - 6.646.106 há - 67,20%	Área com pastagem - 5.187.044ha - 52,45%

Fonte: UDOP, 2006.

Como vemos através deste levantamento, a área total ocupada no Oeste Paulista, em 2003, era predominantemente representada por pastagens, seguida por outras culturas e pela a cana-de-açúcar.

Observando a coluna de previsão para 2010/2011, verificamos um aumento significativo da área plantada com cana em detrimento da área de pastagens, enquanto a área ocupada com outras

⁸ A UDOP considera nessa previsão o crescimento das unidades associadas e a implantação de novas unidades.

culturas não sofrerá alterações.

Mediante esse cenário é preciso atentar também para o aspecto social referente, de modo particular, a questão do emprego. Se num primeiro momento essa perspectiva de expansão sugere possibilidade de aumento de oferta de emprego nessa porção do estado, num segundo momento, quando essas novas unidades que estão sendo implantadas começarem a operar com toda sua potencialidade e adotarem o corte mecanizado da cana crua (em conformação com as exigências da legislação ambiental que estipula prazos para a redução das queimadas) ou mesmo da cana queimada, como muitas já adotam (tendo em vista o aumento da produtividade implementado pela máquina), o emprego no corte de cana reduzirá significativamente, demandando novas alternativas de trabalho no campo, na região.

Atualmente a mecanização do corte de cana não é tão expressiva na região do Pontal do Paranapanema e Alta Paulista, sobretudo nas unidades menores, menos capitalizadas ou que ainda estão iniciando a atividade canavieira.

Segundo levantamento de campo, na Destilaria Alcídia a colheita da cana-de-açúcar ainda é predominantemente manual, sendo a etapa que emprega maior contingente de trabalhadores. Porém, a adoção do corte mecanizado deverá ocorrer em no máximo dois anos. Na Usina Branco Peres, Unidade Adamantina, verificamos também o predomínio do corte manual sobre o mecanizado. A colheita da cana-de-açúcar é 80% manual, existindo também a perspectiva de aumento da mecanização para as próximas safras. Na Usina Centralcool (município de Lucélia) cerca de 90% da cana-de-açúcar é colhida manualmente, porém há projeto para aumentar o corte mecanizado nos próximos anos.

Mediante este cenário de expansão da área plantada com cana-de-açúcar, de intensificação da mecanização da colheita, bem como de incorporação dos trabalhadores à lógica do capital, sinalizamos para a necessidade de ampliar o referencial teórico quanto às estratégias empresariais, que visam garantir a posse da terra com a intenção deliberada de permitir a efetivação da jogada política em torno do avanço/consolidação do agronegócio para o desenvolvimento da/na região enfocada.

Considerações Finais

Buscamos no referido texto apresentar o contexto no qual as usinas e destilarias no Pontal do Paranapanema e na Nova Alta Paulista se territorializam, bem como trazer para o debate alguns elementos da sua configuração territorial e, principalmente, refletir sobre o conflito capital x trabalho.

Verificamos mediante a realização da pesquisa um processo de transformação do espaço agrário dessa porção do território paulista, em face da expansão da cultura de cana-de-açúcar e, conseqüentemente, do desenvolvimento da ideologia do agronegócio. Trata-se de uma forma de desenvolvimento adotado pelo Estado que visa, essencialmente, garantir a produção em grande escala e com

destino para exportação, a exemplo do aumento da produção de álcool com vistas à perspectiva de conquista do mercado potencial de álcool.

Assiste-se ainda, concomitantemente à instalação de novas agroindústrias canaveiras, a intensificação do ritmo de trabalho, bem como, a precarização das relações de trabalho e de produção neste ramo produtivo. Somado a estes aspectos, notou-se também rigoroso controle social efetivado pelas agroindústrias sucroalcooleiras, com destaque para as relações de trabalho extremamente conflituosas, as quais requerem novas estratégias de atuação, tendo em vista a possível emancipação dos trabalhadores e a necessidade da sua organização e (des) alienação.

É preciso destacar também, a ocorrência de rearranjos organizacionais, produtivos e gerenciais nessas empresas, em virtude da busca de acumulação ampliada de capital.

Nesse contexto, marcado por contradições chamamos a atenção para a questão sindical, a qual reflete uma constante luta social por melhores condições de trabalho e de vida.

Por fim, queremos ressaltar a importância fundamental de se desenvolver estratégias políticas, econômicas e sociais que contemplem a classe trabalhadora do Oeste Paulista, uma vez que o panorama que se desenha aponta para a homogeneização da paisagem frente à ofensiva do capital agroindustrial canavieiro.

Referências Bibliográficas

ALVES, G. **O novo e precário mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANDRADE, M. C. **Modernização e pobreza**. São Paulo: USP/FFLCH - GEO, 1994.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

MÉZÁROS, I. **A ordem do capital no metabolismo social da reprodução**: ensaios Ad Hominem 1. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

OLIVEIRA, A.M.S. de. **A relação capital – trabalho na agroindústria sucroalcooleira paulista e a intensificação do corte mecanizado**: gestão do trabalho e certificação ambiental. Presidente Prudente: Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, 2003.

THOMAZ JR., A. **Por Trás dos Canaviais, os Nós da Cana**. São Paulo/FAPESP, 2002a.

THOMAZ JR., A. O Trabalho como Elemento Fundante para a Compreensão do Campo no Brasil. **Candeia/IFAS**. a. 4, n. 6, nov. 2003. *ISSN: 1677-7514*.